

Sobre agência, autoria e teorias
decoloniais ou
Você não sabe com quem está falando?

Lynn Mario T. Menezes de Souza

Monte de focos da Monte Môr

- o Foco na justiça social
- o Foco nos processos de produção de significação
- o Foco na Conexão teoria/prática
- o Foco na agência e autoria

Racismo Epistêmico (Grosfoguel 2013)

- o Pensar linguas e pensar a significação não se trata apenas de pensar regras e regularidades – gramáticas, léxicos etc.
- o Trata-se de pensar também em **sujeitos**.
- o Tanto sujeitos quanto regras e regularidades possuem **histórias**.
- o Essas histórias são **múltiplas, complexas e interconectadas**.
- o Por exemplo, quando uma língua deixa de ser *dialeto* e se torna *língua*?
- o Quando a leitura deixa de ser *decodificação* e se torna *prática social*?
- o Quando é que a *alfabetização* se torna *letramento*?

- o As **histórias** nas quais as línguas e seus **sujeitos** falantes estão inseridos são inexoravelmente atravessadas por **questões políticas, econômicas e sociais**.
- o Quando essas *histórias* são *apagadas* e as línguas, seus usos e seus usuários são vistos como *universais e neutros*, surge o **racismo epistêmico**: a ilusão de que há universalidade no uso das línguas e que há igualdade entre seus usuários e suas práticas de significação.

- o É exatamente porque as línguas, seus usuários e suas práticas de significação **não existem num vácuo socio-político** que é importante entender o **papel da história de quem está falando e de quem está falando sobre línguas, seus usuários e suas práticas de significação.**
- o O **racismo epistêmico** trata a história e a significação de alguns falantes (os dominantes) como **universal** e de outros falantes (mais fracos) como **local, restrito e de valência restrita.**
- o Entender as práticas linguísticas e seus usuários como inseridos em contextos socio-políticos é entender **todo usuário de uma língua como sujeito social, autor e agente de determinadas práticas de significação.**
- o Fazer isso é o primeiro passo para acabar com o racismo epistêmico.

Sobre o Pos-colonial

- o O pós colonial pressupõe um **fim da colonialidade**; rebela-se contra a colonialidade afirmando a **existência continuada do pre-colonial** como igual senão superior ao colonial.
- o O pós-colonial representa um movimento para **re-estabelecer o equilíbrio** entre, de um lado, **o local**, o nativo, o pre-colonial subjugado e desvalorizado e do outro lado, **o colonial** importado, imposto, universalizado e hipervalorizado.
- o O pós colonial representa assim uma maneira de **conseguir a autoria e a agência do local** reafirmando a persistência do pre-colonial.
- o O pós colonial ironicamente acaba **usando e privilegiando teorias e teóricos ocidentais** e suas epistemologias e ignorando teorias e teóricos locais.
- o Há diversas variações do pós colonial, desde a inversão sugerida (propondo a substituição do colonial importado pelo local original) até a sugestão de que essa inversão não seja mais possível dada a co-presença do colonial junto com o pre-colonial, gerando assim um **hibridismo pós colonial**..

Sobre o Decolonial

- o Da mesma maneira em que criticamos a visão do conceito de língua e da significação dizendo que é necessário entender as práticas linguísticas, de significação e seus usuários como inseridos em contextos socio-políticos, é importante lembrar que o que sabemos do pós colonial e da decolonialidade também está localizado em histórias e contextos socio-políticos.
- o Portanto, de **onde se está falando** é tão significativo quanto **o que se está dizendo**.
- o Enquanto os estudiosos pós coloniais africanos e asiáticos acreditavam no fim da colonialidade e na persistência e no valor maior de saberes e culturas locais pré coloniais, os estudiosos decoloniais latino-americanos, pensando a partir de seus contextos de histórias marcadas por deslocamentos de europeus para a América Latina, entenderam que estavam falando a partir de um contexto marcadamente diferente.
- o Em seus contextos latino-americanos, eram os descendentes dos colonizadores europeus que lideraram movimentos anti-coloniais defendendo seus próprios interesses, com pouca empatia para com os interesses dos indígenas e dos afro-descendentes.

- o Essas histórias tornaram esses descendentes dos colonizadores europeus cúmplices com o colonialismo e seu sistema de desigualdades e de exploração
- o Apesar de terem se tornado independentes dos antigos colonizadores europeus, esses descendentes dos europeus nas Américas continuavam a manter a estrutura colonial de desigualdade entre raças, culturas, línguas e gêneros instituída pelos colonizadores europeus.
- o As epistemologias desses latino-americanos descendentes dos colonizadores europeus continuavam a ser europeias e elitistas. Ao invés de simplesmente liderar um movimento pela emancipação e pela justiça social contra o sistema colonial, esses pensadores latino-americanos decoloniais passaram a refletir sobre a complexidade de sua cumplicidade com as epistemologias e ontologias coloniais.

Passaram a concluir duas coisas significativas:

- o 1. Que a colonização acabou apenas oficialmente na América Latina; seus efeitos continuavam a existir na forma do sistema de desigualdades de raças, linguas, saberes etc instaurado pelos colonizadores antigos. Chamaram isso de **colonialidade**. A colonização acabou mas a **colonialidade** permanece.
- o 2. Que o local a partir de onde se falava e pensava era tão importante quanto aquilo que se falava e pensava.

Grosfoguel (2008)

- o “Como é que o mundo pareceria se mudássemos o lócus de enunciação do homem europeu para a mulher ameríndia?”
- o “O que procuro fazer (na teoria decolonial) é mudar o local a partir de onde esses paradigmas pensam.”
- o Essa ideia de que o local de pensar afeta o que se pensa é chamada de **geopolítica do saber**; a geopolítica de saber afeta as **condições de possibilidade** da **autoria** e da **agência**.
- o “A primeira implicação de mudar as nossas geopolíticas do saber é o **reconhecimento de que aquilo que chegou nas Américas no século 15 não era apenas um sistema econômico de capital e de trabalho para a produção de bens a serem vendidos para um lucro no mercado mundial. Isso era sim uma parte crucial daquilo que chegou, mas não era o único conteúdo do “pacote” complexo.**”
- o “Aquilo que chegou nas Américas era uma **estrutura de poder mais ampla e complexa**; uma perspectiva econômica reducionista do sistema-mundo não dá conta de entender isso. A partir do local de fala estrutural de uma mulher ameríndia, o que chegou nas Américas era **um sistema-mundo muito mais complexo do que os paradigmas economicistas conseguem explicar.**”
- o “O que chegou nas Américas foi **um homem branco/hétero/patriarcal/capitalista, cristão e militar** e esse homem estabeleceu no tempo e no espaço simultaneamente **diversas hierarquias globais complexas.**”

A Perspectiva Decolonial (Grosfoguel 2008)

- o 1) Uma perspectiva epistêmica decolonial requer um **cânone teórico mais amplo do que simplesmente o cânone ocidental** (mesmo sendo um cânone esquerdista ocidental).
- o 2) Uma perspectiva decolonial verdadeiramente universal **não pode ser baseada numa universalidade abstrata** (uma verdade local que se promove como sendo uma universalidade global); precisaria ser o resultado de um **diálogo crítico entre diversos projetos políticos/epistêmicos/éticos** almejando um mundo pluriversal e não universal.
- o 3) A de(s)colonização do saber exigiria **tomar a perspectiva de pensadores críticos do Sul Global** que pensam **a partir de e junto com espaços e corpos raciais/étnicos/e sexuais e subalternizados**"; ou seja, requer **pensar a partir de e junto com sujeitos, autores e agentes do Sul Global**.

Ainda sobre agência, autoria e sujeitos no processo de significação: o conceito de Epistemicídio (Santos 2014)

- o Epistemicídio, como o racismo epistêmico de Grosfoguel (2013), se refere à **imposição de uma perspectiva única, uma epistemologia única, um paradigma único.**
- o Segundo Santos, isso resultou de processos históricos de colonização e de globalização que incluíram a globalização de valores, saberes, línguas e de bens que tiveram origem em lugares determinados e que eram marcados por esses lugares; porém, ao serem disseminados para outros locais por agentes hegemônicos, eles **adquiriram a aparência de ser globais e não marcados; seus locais de origem eram mascarados.**
- o Os teóricos decoloniais propõem que foi isso que ocorreu com os conceitos de **modernidade** e de **ciência**; eram produtos com origem em e marcados por determinados locais mas eram disseminados como sendo “globais” e “universais” e tornaram invisíveis modernidades e ciências que originaram em outros locais.
- o Ou seja, **tornaram invisíveis agentes, autores e sujeitos na modernidade e na ciência** enquanto uns (os dominantes) eram **invisíveis porque eram mascarados**, outros eram **invisíveis por serem considerados inexistentes e incapazes.**

Autores, Agentes, a Linha Abissal e as Ecologias de saber

- o Santos propõe **uma visão não hegemônica da globalização**, uma **“perspectiva do Sul”**.
- o De acordo com essa visão, todos os processos de globalização, hegemônicos ou não hegemônicos são vistos como **movimentos a partir de um local original para um local novo**; nesse processo, porém, **aquilo que é movido não deixa de ser marcado por seu local de origem**.
- o Para Santos, a partir de uma perspectiva colonial e hegemônica da globalização, cria-se uma **linha abissal** imaginária que separa os bens, povos, saberes, línguas **que existem**, dos que **não existem**. A partir dessa perspectiva, os povos saberes e línguas que existem naqueles locais que recebem os bens globalizados (cuja origem é mascarada) são tidos como **inexistentes** e portanto **não possuem nenhuma agência ou autoria** e deixam de ser sujeitos. Sendo assim são vistos como **incapazes de transformar** os bens que recebem, se limitando a apenas consumi-los.

- o Santos, porém, recusa essa visão da linha abissal e procura **ênfatizar a existência** dos povos, saberes e línguas que existem do outro lado da linha abissal. Para Santos, ao invés de um vácuo, nesse outro lado da linha abissal **existe uma ecologia complexa e plural de saberes**.
- o Dada a existência dessa pluralidade de ecologias de saber, a **agência** daqueles que recebem de outro local um bem ou processo global **nunca é perdida**.
- o A partir dessa **agência**, os sujeitos/autores **agem sobre e transformam/traduzem** aquilo que lhes chegou de outro local.
- o Nesse processo, não apenas os bens mas **também os autores/agentes são traduzidos** e tudo que cada grupo envolvido nesse processo de troca percebeu antes como universal e único é também **traduzido interculturalmente**.

Interculturalidade Crítica na América Latina: traduzindo a própria agência e a dos outros (Note, Fornet-Betancourt, Esterman, Aerts 2009)

- o Segundo esses autores, a **interculturalidade crítica** na América Latina parte de dois pressupostos:
- o 1. Cada cultura possui sua própria visão de mundo que funciona como base para orientar e ajudar aquela cultura a compreender o mundo; ela permite que os membros daquela cultura percebam seus valores como sendo “verdadeiros” e “justos”, e portanto universalmente válidos. Dessa forma cada cultura reconhece apenas sua agência e sua autoria na produção de significação.
- o 2. Num contexto intercultural, para facilitar a interação intercultural, uma convicção incondicional do caráter verdadeiro e justo das convicções próprias dificulta um diálogo verdadeiramente complexo ao não reconhecer a autoria e agência de membros de outras culturas. Um diálogo intercultural verdadeiramente complexo requer uma certa relativização das verdades próprias de cada cultura e requer uma abertura da parte de cada cultura para reconsiderar suas verdades.
- o Tal relativização implica em promover um **confronto entre o universal e o único**. Implica em entender que aquilo que cada cultura percebe como **universal** é na realidade algo **único** apenas para aquela cultura, e portanto **não é universal**.
- o Portanto, ao invés de des-universalizar cada universal, numa ecologia de saberes, vários universais podem ser vistos como coexistindo, justapostos, requerendo tradução intercultural constante e incessante.
- o Dessa forma, numa ecologia de saberes decolonial complexa, através da **tradução intercultural**, a agência e autoria de cada cultura e grupo pode ser resgatada evitando a imposição de uma dominante sobre as outras.

Retomando: as Epistemologias do Sul como estratégia de interrupção para ressignificar paradigmas dominantes de saber (Santos 2018)

- o Tais epistemologias não buscam estudar saberes, crenças ou bases de justificar as verdades próprias. Não possuem uma dimensão normativa.
- o Seu objetivo é **identificar e valorizar aquilo que nem aparece como saber; valorizar agências e autorias que nem aparecem como existentes na visão das epistemologias dominantes; valorizar aquilo que emerge como parte de e fruto das lutas de resistência contra a opressão e contra o saber que legitima tal opressão**. Muitos de tais maneiras de saber não são saberes pensados e sim saberes vividos.
- o As epistemologias do Sul e as Teorias decoloniais **ocupam o conceito de epistemologia com a intenção de ressignificá-lo como um instrumento para interromper a política dominante do saber. Tratam-se de epistemologias experienciais**.
- o Existem hoje epistemologias do Sul apenas **porque existem epistemologias do Norte que as excluem**. As epistemologias do Sul existem hoje para que não precisem existir algum dia.

A estratégia das teorias decoloniais e das epistemologias do Sul

- Estratégia crucial para **desafiar a validade de saberes e de maneiras de saber que não são aceitas pelas epistemologias dominantes.**
- O foco recai sobre **saberes inexistentes**, chamados assim porque não são produzidos de acordo com **metodologias aceitas ou inteligíveis** ou porque são **produzidos por sujeitos ausentes**, sujeitos tidos como **incapazes de produzir saberes válidos** por causa de sua condição de sub-humanos.
- O foco é **tornar esses sujeitos ausentes em sujeitos presentes** (autores, agentes), condição básica para identificar e validar saberes que podem vir a reinventar a emancipação social (Santos 2014)
- As epistemologias do Sul e as teorias decoloniais necessariamente invocam **outras ontologias**: revelam e desvelam **maneiras outras de ser, maneiras de ser oprimidas e silenciadas, excluídas das maneiras dominantes de ser e de saber.**

Gesto político: foco em processos cognitivos

- o Uma vez que **tais sujeitos são produzidos como ausentes** por relações de poder desiguais, **redimi-los é um gesto eminentemente político e necessário.**
- o As epistemologias do Sul e as teorias decoloniais focalizam **processos cognitivos que se referem ao processo de produção de significação e justiça na luta** daqueles que resistem contra a opressão.
- o A questão da validade emerge dessa presença forte da luta. O reconhecimento da luta e de seus protagonistas é um ato de **pre-conhecimento** (Santos 2018), ou seja trata-se de um **impulso intelectual e político** que requer a necessidade de examinar a validade do saber que circula na luta e que é gerado pela luta em si.
- o Paradoxalmente, mas **estrategicamente**, o **reconhecimento precede à cognição**: se a luta pela justiça social é válida, **os saberes que circulam são válidos.**
- o A produção dos saberes e o processo de construção de significação passam a ser analisados **após o reconhecimento inicial da justiça da luta.**

Concluindo...

Para falar, a partir da perspectiva decolonial, de línguas e não de língua, de culturas e não de cultura, de saberes e não de saber, para resgatar agências e autorias múltiplas e complexas, **é preciso**

- o Recuperar e desmascarar o lócus de enunciação de quem fala e de quem se engaja na produção de significação
- o Tomar a responsabilidade pelo lócus de enunciação próprio.
- o Abrir o lócus de enunciação próprio para a tradução intercultural